

CAMINHO FORMATIVO DE PROFISSIONAIS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: ROMPENDO MUROS, CONSTRUINDO HISTÓRIAS

FORMATIVE PATH OF PROFESSIONALS THE PSYCHOSOCIAL CARE CENTER: BREAKING THROUGH WALLS, BUILDING STORIES

CAMINO FORMATIVO DE LOS PROFESIONALES DEL CENTRO DE ATENCIÓN PSICOSOCIAL: ROMPIENDO MUROS, CONSTRUYENDO HISTORIAS

José Evangelista Lima¹
Ana Lúcia Oliveira Aguiar²
Stenio de Brito Fernandes³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender como as atividades dos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) contribuem para a formação dos seus usuários na perspectiva da autonomia e da inclusão social, através das memórias, dos relatos e das histórias de vida. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa (auto)biográfica como método de investigação por meio de narrativas de profissionais do centro psicossocial. Os resultados vêm confirmar, através da atuação dos profissionais do CAPS como esse trabalho contribuiu para a formação dos seus usuários na perspectiva da autonomia e da inclusão social, pois oportunizou a (auto)formação destes sujeitos, na perspectiva de desenvolver um novo olhar de si e com o outro e sobre as pessoas que sofrem de transtornos mentais, excluídas dos espaços sociais. Posto isso, é necessário desenvolver uma prática de forma crítica, sensata, ética, humana, considerando as diferentes potencialidades e propondo um olhar crítico sobre a realidade social que vislumbre o que se prospecta para o futuro.

Palavras-chave: Narrativas de profissionais; Centro psicossocial; Abordagem biográfica; Inclusão social; Saúde mental.

ABSTRACT

This article aims to understand how the activities of professionals at the Psychosocial Care Center (CAPS) contribute to the formation of its users from the perspective of autonomy and

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5855-9830>, E-mail: jlima_psicol@hotmail.com

² Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3626-2427>, E-mail: anaaguiar@uern.br

³ Doutorando em Ciências da Educação pela Ecumônica Universidade Mundial. Professor da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte (SEEC-RN), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6300-9561>, E-mail: steniondre@hotmail.com



social inclusion, through memories, reports and life stories. It is a qualitative research approach, anchored in (auto)biographical research as an investigation method through narratives from professionals at the psychosocial center. The results confirm, through the actions of CAPS professionals, how this work contributed to the formation of its users from the perspective of autonomy and social inclusion, as it provided the opportunity for the (auto)formation of these subjects, with the perspective of developing a new view of themselves, and with each other and about people who suffer from mental disorders and who are excluded from social spaces. That said, it is necessary to develop a practice in a critical, sensible, ethical and human way, considering different potentialities and proposing a critical look at social reality that glimpses what is expected for the future.

Keywords: Professionals narratives; Psychosocial Center; Biographical approach; Social inclusión; Mental health.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo las actividades de los profesionales del Centro de Atención Psicosocial (CAPS) contribuyen a la formación de sus usuarios desde la perspectiva de la autonomía y la inclusión social, a través de memorias, relatos e historias de vida. Se trata de un enfoque de investigación cualitativo, anclado en la investigación (auto)biográfica como método de investigación a través de narrativas de profesionales del centro psicosocial. Los resultados confirman, a través del accionar de los profesionales del CAPS, cómo este trabajo contribuyó a la formación de sus usuarios desde la perspectiva de la autonomía y la inclusión social, ya que brindó la oportunidad para la (auto)formación de estos sujetos, con la perspectiva de desarrollar una nueva visión de sí mismos, y entre sí y sobre las personas que padecen trastornos mentales y que están excluidas de los espacios sociales. Dicho esto, es necesario desarrollar una práctica de manera crítica, sensata, ética y humana, considerando diferentes potencialidades y proponiendo una mirada crítica a la realidad social que vislumbre lo que se espera para el futuro.

Palabras clave: Narrativas de profesionales; Centro Psicosocial; Aproximación biográfica; Inclusión social; Salud mental.

INTRODUÇÃO

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)⁴, é um ambiente vivido pelos usuários e pelos profissionais, que atuam em espaços de saúde mental, é um lugar de aprendizagem. O presente trabalho⁵ traz um olhar sobre o processo de atuação dos profissionais que trabalham nessa instituição na cidade de Miraflores⁶ através das memórias, lembranças e questionamentos. Objetiva compreender como as atividades de profissionais do CAPS contribuem para a formação dos seus usuários na

⁴ A sede própria do CAPS foi construída para melhor atender à população que necessita de serviços de saúde mental. Essa unidade representa um avanço importante na ampliação e qualificação do atendimento psicossocial, que oferece um acolhimento mais humanizado e eficiente aos pacientes.

⁵ O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁶ Nome fictício para preservar a localização do lugar.



perspectiva da autonomia e da inclusão social, através das memórias, dos relatos e das histórias de vida.

É uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa (auto)biográfica como método de investigação a partir de narrativas de profissionais dessa instituição. Para este recorte, tivemos a participação para as seções de narrativas⁷, a saber: Mariluce⁸, Terapeuta Ocupacional, a profissional de Educação Física, Maria Flor, e a Enfermeira, Rosa Vermelha. Essas entrevistadas expressam seus relatos de experiências na convivência com o outro no CAPS.

O referencial teórico fundamenta-se aportes teóricos nos estudos de Josso (2010) e Delory-Momberger (2012). Josso (2010) descreve a abordagem biográfica como metodologia de pesquisa-formação e afirma que as histórias de vida constituem processos de formação, nos quais podemos situar histórias particulares em contextos coletivos. Segundo Delory-Momberger (2012), os conhecimentos da pesquisa biográfica no campo das histórias de vida ampliam e integram os saberes colhidos em entrevistas, rodas de conversas e nas narrativas dos sujeitos, que têm a possibilidade de organizar suas narrativas no tempo e no espaço, tornando a história coerente com o desejo de expressá-la.

Realizamos os procedimentos do método (auto)biográfico e de formação com três profissionais que atuam nesse centro, através de entrevistas narrativas. Esses profissionais tiveram a oportunidade de relatar suas histórias de vida e suas experiências com os usuários do referido centro, realizando uma viagem à subjetividade nos recantos mais profundos das memórias, das lembranças e dos esquecimentos, trazendo à tona seus conteúdos.

A pesquisa (auto)biográfica estabelece uma forma diferente e renovada de se pesquisar o sujeito. É nesse recorte que reconhecemos tratar-se de uma abordagem distinta, na medida em que valoriza a subjetividade, a história de vida do sujeito e o processo de (auto)formação. Nesse processo, o autor é também ator da pesquisa,

⁷ As seções das entrevistas trazem o consentimento legal do estudo, através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, resolução 510/16. A resolução 510/16 aborda um aparato de atribuições legais que condicionam os caminhos da pesquisa científica no sentido justo, ético e com respeito à liberdade humana, em particular, dos sujeitos envolvidos de maneira direta no decorrer da pesquisa, tiveram toda liberdade de pensamento, de opinião e o direito de opinar e decidir o que entra ou sai ao longo da pesquisa.

⁸ Os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos profissionais da instituição.

contribuindo com seu valor heurístico, que serve de base e estímulo para outras pesquisas.

Os profissionais que atuam no CAPS constituem-se como sujeitos dispostos a enfrentar as mais diversas situações e adversidades de forma atenta, ao perceberem que os sujeitos podem criar condições para alcançar essa meta e construir tomadas de consciência, possibilitadas pela mediação do outro, bem como pela relação com o outro e com sua própria existência.

Em face disso, além destas considerações iniciais e da conclusão, o texto encontra-se organizado em três seções. Na primeira, aprestaremos o Centro de Atenção Psicossocial: lugar onde se aprende, se ensina e se adquirem novas formas de pensar e de viver. Na segunda, abordaremos as conferências sobre Saúde Mental e sua contribuição para a formação dos profissionais do CAPS. Na terceira e última seção, enfocaremos o tema Rompendo muros, construindo histórias: mediação de si e com o outro na relação com a existência dos usuários do CAPS.

O CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: LUGAR ONDE SE APRENDE, SE ENSINA E SE ADQUIREM NOVAS FORMAS DE PENSAR E DE VIVER

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são unidades de saúde mental que oferecem tratamento e reabilitação a pessoas com sofrimento psíquico, transtornos mentais e dependência de substâncias, seja em situações de crise ou no processo de reinserção social. A sua função principal é proporcionar um cuidado humanizado e integrado, buscando a recuperação da saúde mental e a inclusão social dos usuários. Os CAPS funcionam em regime de porta aberta, o que significa que o acesso é livre, sem necessidade de agendamento prévio ou encaminhamento.

O CAPS é um lugar de sujeitos considerados do esquecimento, de histórias silenciadas daqueles que foram submetidos aos subterrâneos da história. No entanto, traçaram, em compartilhamento com outros sujeitos da relação social, um tempo e lugar para as vontades, os desejos e os sonhos. Há, ainda, mais um aspecto: a busca pela história do ser-humano em seu cotidiano, através da memória, mediante a incorporação dos pequenos acontecimentos da vida cotidiana. A memória revela realidades que podem ser violadas pelas prescrições de instituições, na perspectiva de estar no Outro e não com o Outro.

O trabalho desenvolvido nessa instituição, objetiva resgatar a identidade e a cidadania de seus usuários, que sofrem de transtornos mentais e são discriminados e afastados da sociedade em decorrência da segregação e do descrédito, manifestos em argumentos, sentimentos e ações. Esse trabalho caminha numa interação e diálogo com essas pessoas, pois oportuniza outras leituras de suas expressões, angústias e relatos, muitas vezes fragmentados, uma vez que o tempo vivido é diferente do tempo registrado em suas memórias. Tais memórias são elaboradas e refinadas para serem expressas com base em um processo de filtro pessoal, que determina o que pode ser dito e não dito.

O Centro Psicossocial, enquanto cenário vivido por usuários e profissionais que atuam em espaços de saúde mental, configura-se como lugar de aprendizagens, de convivências e troca de saberes entre a equipe de trabalho e os usuários; entre os próprios usuários; entre a equipe e familiares; entre os familiares e os demais usuários; entre a equipe de apoio, os usuários e os familiares; e entre os próprios profissionais. Podemos afirmar que estamos diante de um ambiente plural. Essa forma de interrelação dos saberes e dos ensinamentos nos leva a fazer uma analogia com uma teia de aranha: bem tecida, forte e com todos os pontos interligados, alimentando o processo de comunicação entre os atores envolvidos. Reforça nosso posicionamento o relato de Mariluce, Terapeuta Ocupacional⁹ do CAPS, ao afirmar:

[...] O atendimento da Terapeuta Ocupacional dentro do CAPS, é muito mais para a questão da valorização da reinserção social, aprendizado de outras habilidades ou a descoberta dessa capacidade em realizar outras atividades. Além disso a convivência com outros colegas profissionais desperta, na gente, outro olhar também voltado para outras questões sejam elas sociais psíquicas, físicas mesmo.

Os contatos e as intercomunicações travadas do Centro Psicossocial são permanentes e fazem parte do cotidiano. Por isso, estimulam aquele usuário mais introspectivo a se expressar, a relatar suas lembranças e suas memórias. Dessa forma, o sujeito começa a entender seus esquecimentos e lapsos de memórias. As dificuldades de autoexpressão podem ser superadas a partir das várias atividades oferecidas, tais como: a pintura com tintas e lápis de cor; recortes e colagens; contato com a massa de modelar e argila; além de jogos que estimulam a criatividade, a descoberta de talentos

⁹ É formada em Terapia Ocupacional. Servidora pública, concursada da Prefeitura Municipal de Miraflores/ Secretaria Municipal da Saúde, lotada no CAPS.

e o aperfeiçoamento de habilidades já consolidadas. Os usuários demonstram satisfação ao apresentar suas produções.

Nesse contato humano e intersubjetivo, percebemos a construção de um olhar para o outro, reconhecendo seus limites, mas, acima de tudo, valorizando as amplas possibilidades de desenvolver seu potencial, reconstruir sua história e descobrir ou identificar alternativas de viver de forma mais saudável, mais prazerosa, com maior conexão com a natureza e com tudo aquilo que lhe proporciona uma aprendizagem capaz de dar sentido à vida. Essa vivência também instiga ensinamentos e compartilhamentos entre familiares, amigos e seus pares. Enriquece nossa reflexão as palavras da Terapeuta Ocupacional Mariluce, ao revelar o significado do trabalho no CAPS, relatando:

O serviço é muito enriquecedor, a gente convive e vive com pessoas de várias orientações sexuais, vários gêneros, vários níveis de escolaridade vários níveis de pensamento religioso. Então, assim, a gente convive e aprende muito com as vivências que se passam aqui. A gente aprende com o sofrimento e também com a volta e o enriquecimento que eles adquirem com os serviços dentro da unidade.

As aprendizagens construídas e em construção, no contato com os usuários, seus familiares e a equipe de trabalho, ultrapassam qualquer conceituação que se queira fazer a partir dos conhecimentos elaborados na academia. São aprendizagens sutis, de conteúdo afetivo-emocional, que se consolidam de forma espontânea na convivência com as diversidades de culturas, saberes, idades - numa relação intergeracional -, bem como de origens e formações sociais, religiosas, sexuais e de gênero.

Tudo isso, permite aos participantes uma convivência respeitosa, inclusive dos silêncios, como ressalta Freire (2014, p.114): “[...] no processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um *sine qua non* da comunicação dialógica”. Essa expressão posta pelo autor, é originária do *latim*, que significa “sem a qual não”, usada frequentemente no vocabulário e faz referência a uma ação ou condição que é indispensável, imprescindível ou essencial.

Todos aprendemos com todos, no nosso tempo, na nossa forma e no nosso ritmo. Essa aprendizagem é também auto formativa, à medida em que nos damos conta

de semelhanças e diferenças entre as pessoas envolvidas. Ela nos permite olhar para dentro, uma reflexão e um remodelamento no nosso modo de pensar, ouvir, sentir e expressar nossas emoções e sentimentos.

Posto isso, reconhecemos que tais características estão presentes no ambiente dessa instituição, com seus atores em constante interação que constroem saberes, ampliam aprendizagens, modificam comportamentos e reordenam a prática diária consigo mesmo e com os outros. A descrição deste cenário nos faz viajar mentalmente em nossas memórias, recolhendo fragmentos das vivências, dos momentos-charneira¹⁰ vividos neste espaço com os usuários, a equipe de trabalho e as diversas atividades que desenvolvíamos em conjunto.

Em tempos passados, a equipe do CAPS fazia os atendimentos, colhia as histórias e anotavam no prontuário. Algumas vezes, a equipe se preocupava com a escuta, a saber: ideias autodestrutivas, comportamentos agressivos e sentimento de perseguição. A equipe era alertada para ficar atenta às reações e às mudanças de comportamento.

Nessas vivências, diante das preocupações, aprendemos com o sofrimento do outro, com os seus rompimentos com a realidade, o estranhamento consigo mesmo, quando verbalizavam que não se sentiam a mesma pessoa, se percebiam como alguém estranho a si mesmo, numa avalanche de imagens e sentimentos, olhares e visões que não conseguiam entender de onde vinham e nem o seu significado.

Nessa dinâmica de nos transportar para dentro do outro, simbolicamente, no processo empático, visávamos compreender seu transtorno e buscávamos identificar formas de atenuar o sofrimento. Oferecíamos apoio psicológico e deixávamos a verbalização fluir, se assim fosse o seu desejo, numa tentativa de reconstruir sua identidade, seu Eu, que estava fragilizado, ameaçado por figuras de terror, construídas na subjetividade de forma autônoma e ameaçadora.

Nos ciclos de palestras, nas rodas de conversas, nos atendimentos individuais, nas conversas informais e nas comemorações de datas festivas, acreditamos ter

¹⁰ Para Joso (2010, p. 70), a escrita (auto)biográfica articula períodos da existência que reúnem vários ‘fatos’ considerados formadores. A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de ‘momentos-charneira’ designados como tais porque o sujeito escolheu – sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou com mudanças de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com acontecimentos socioculturais.

ensinado e, consequentemente, aprendido muito. Trazíamos à reflexão temas formativos e educativos, com o propósito de ampliar o conhecimento, as possibilidades de questionamentos, a aplicação na vida cotidiana e o estímulo ao desejo de participar das demais atividades. Maria Flor¹¹, profissional de Educação Física, em sua fala nas entrevistas, reforça a nossa posição, ao afirmar:

Nessa vivência com os usuários eu tenho aprendido muito e com esse aprendizado, e certamente tenho ensinado também. Tenho tentado mostrar para eles como podem conviver melhor com a própria doença. Procuro mostrar a importância das atividades oferecidas, e principalmente as físicas para esses usuários. O período que tenho passado com eles tem me mostrado e mostrado ao próprio usuário a evolução que eles podem ter com o exercício físico, a participação nas outras atividades na melhora do seu transtorno. Tento conscientizá-los da importância do exercício, pois mexe com hormônios e hormônios a gente sabe que existem hormônios do bem-estar, que vão ajudar nesse tratamento. Nas nossas conversas e nas nossas atividades que a gente tem aqui, fazem com que cresçam e percebam que essa convivência e essa forma de viver e de troca entre profissionais e usuários tem tido resultados muito significativos, inclusive, com relação à medicação. Conversando com o próprio psiquiatra ele percebeu que alguns usuários, ele diminuiu a dosagem e até a quantidade de medicações.

Com esse depoimento, reforçamos nosso pensamento de que as atividades do CAPS são relevantes para o processo atenuação dos transtornos mentais dos usuários, na medida em que os profissionais reconhecem, se sentem reconfortados, acolhidos e com remissão significativa na frequência das crises, na melhora da relação intrapessoal e interpessoal e o alargamento dos contatos sociais da apropriação de formas diferenciadas de lidar com ecoformação¹².

No nosso imaginário e nas nossas memórias, encontramos muitas situações de aprendizagens e de ensinamentos que nos levaram à percepção da grandeza deste lugar no sentido de descobertas de sentidos para a vida, via palavras, gestos e expressões subjetivas de medo, de ansiedade e de desejos de superação. Porém, alguns usuários não conseguiam compreender que, nas discussões e nas rodas de conversas, era possível expressar sua intimidade, quebrar as barreiras da timidez e se encaminhar

¹¹ Maria Flor. “Escolhi esse pseudônimo por que seu nome tem origem numa flor”. É formada em Educação Física. Trabalha no CAPS, há cinco anos. Cursou Especialização em Qualidade de Vida no Trabalho e Cursou uma segunda especialização em Lazer e Fisiologia do Exercício.

¹² “[...] A ecoformação propõe, assim, uma educação ao longo da vida e em todos os setores da prática humana, mediada pela relação do homem consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. [...] (Silva, 2004, p. 100)”.

para o alívio de tantas amarras psicológicas que limitavam sua busca da felicidade e da autorrealização. A Enfermeira, Rosa Vermelha¹³ relata sua experiência de discussão de temas, nas rodas de conversas, entre eles, o medo. Vejamos o que ela nos diz:

Com relação a roda de conversas, é muito interessante porque cada usuário, conta a sua história de vida, ele traz a sua história de vida e dentro daquela discussão, eles vão falando e a gente vai resgatando as lembranças, e eles ficam muito à vontade para contar a sua história e muitas vezes, trazem a questão do medo. A gente trabalhou a questão do medo e, depois que a gente trabalhou na roda de conversas e sempre eu vou trabalhando, mesmo com outras falas, a gente viu que a maioria dos usuários sente medo, medo de barata, medo de ficar só, medo de altura, medo de vir para cá. Então a gente viu que são muitos medos. E ao trabalharmos esses medos a gente percebe que estão melhorando bastante após essas conversas. Muitas vezes o próprio problema dele está atrelado a esses medos e como a gente está trabalhando muito sobre este tema, com certeza teremos resultados muito positivos.

O medo é uma emoção das mais imobilizantes, pois consegue dominar o corpo e a mente, colocando-os numa sincronia que retira do sujeito todas as possibilidades de evolução, de se experimentar e vivenciar novas oportunidades de conhecimento, de convivências e descoberta. Existem dois grandes grupos de medo, inicialmente, para tentarmos uma compreensão mais objetiva de algo tão subjetivo.

O medo interno, que todos nós carregamos em maior ou menor grau, remonta aos medos infantis que alimentamos no nosso inconsciente e que vêm à tona em situações específicas, por exemplo: escuro, fantasmas, são construídos, alimentam e povoaram as nossas mentes. Medos ditados pela cultura e reforçados por nossos familiares como “o velho do saco que carrega meninos” ou o “papa figo”, descritos em nosso imaginário como uma pessoa que tinha uma doença e necessitava se alimentar de fígado de crianças. Esses e outros mitos marcaram nossas memórias e, mesmo na vida adulta, podem retornar às nossas consciências.

Toda essa reflexão que fazemos sobre o medo - reconhecido, também, como instinto de sobrevivência, pois, sem ele, nossa vida estaria constantemente ameaçada - revela o quanto as lembranças, as memórias e até mesmo os esquecimentos participam da construção da nossa história de vida. Trazemos à consciência, no exercício de rememorar retalhos do vivido, do experienciado, não mais com o colorido do terror, da submissão ao medo infantil, mas, como algo prazeroso de contar, de relembrar e de

¹³ Rosa Vermelha me lembra alegria, felicidade e me lembra a música A rosa vermelha é do bem querer.

compartilhar com os outros. Quem não se lembra dos medos de sua época de infância, depois dos medos do período de adolescência com todas as fantasias, as mobilizações de emoções que faziam “suar frio”?

Existem medos externos, com suas características de realidade, de limitação e de terror. Estes medos ofuscam desejos e possibilidades de autonomia e de independência. Eles são internalizados e se misturam com outros medos, que já alimentamos e se manifestam através do corpo, atingindo graus variados até o máximo, conhecido como Síndrome do Pânico, caracterizada pelo grau elevado de ansiedade em que a pessoa perde o autocontrole e passa a apresentar um estado de “ataque” descrito pelas pessoas que passaram pela experiência, como uma iminência de morte. Esses ataques ficam registrados na consciência e será necessária uma intervenção multiprofissional para tentar restabelecer a autoconfianças e a alegria de viver.

Esses fatos, quando são trabalhados de forma coletiva, atenuam o sofrimento, pois, a tendência de quem sofreu uma crise de pânico é falar pouco sobre ela, talvez por medo, vergonha ou não querer exercitar a memória com fatos que lhe trouxeram desconforto, imobilidade e sofrimento. Mais uma vez, a Enfermeira Rosa Vermelha reforça a importância de discutir o medo com os usuários. Assim ela se expressa:

Então, assim, é importante que a gente trabalhe, eu mesmo, que estou aqui há 1 ano e meio, vejo o quanto é importante e observo como os usuários têm melhorado nessa questão nas rodas de conversa. Nas rodas de conversas, cada um quer dizer a sua história, um vai falando e o outro vai dizendo, um fala de um medo, outro fala do seu medo que achava que não era importante, então isso é muito importante, pois socializa aquilo que estava guardado. E a gente vai trocando essa experiência, tanto eles como a gente vamos aprendendo, diante dos medos deles que falam nas rodas de conversa, a gente vai apoiando e vai aprendendo e trocando experiência. Observo que o tratamento no CAPS, é muito importante para a recuperação dos usuários.

Diante dessa discussão e reflexão, pensar o espaço do CAPS como lugar onde se aprende, se ensina e se adquirem novas formas de pensar e de viver é concebê-lo como um espaço plural, que reconhece o ser humano como alguém aberto ao novo, que deseja aprender. E, muitas vezes, sem sequer perceber, está também ensinando –



por meio de sua singularidade, simplicidade e maneira própria de transmitir conhecimentos, informações, saberes do cotidiano, descobertas e sua história de vida.

AS CONFERÊNCIAS SOBRE SAÚDE MENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS E USUÁRIOS DO CAPS

Pensar o processo de aprendizagem, conforme postulado pela Psicologia da Aprendizagem, é compreender as seguintes características fundamentais: trata-se de um processo gradual, que provoca mudanças de comportamento; é pessoal, pois ninguém pode aprender por outra pessoa; é global, uma vez que envolve o indivíduo em sua totalidade; e é um processo contínuo, já que podemos aprender ao longo de toda a vida, conforme afirma Josso (2010, p. 274):

Aprender não é apenas aprender isso ou aquilo; é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente; é partir à procura do que poderá ser “diferente”. É por isso que hoje me arriscaria a dizer que o ato de aprender transformado em “ato de pesquisa” poderia permitir aos aprendentes desenvolver a sua criatividade, as suas habilidades, a sua capacidade de avaliação (auto e coavaliação, valor extraído ou atribuído a...), a sua capacidade de comunicação e negociação.

Diante do exposto, observamos relatos de usuários do CAPS cuja condição para o atendimento dependia diretamente da presença de um acompanhante - de preferência, um membro da família ou pessoas de sua confiança. Alimentavam o medo de enfrentar a rua e o trajeto, medo de se perderem, não encontrarem o endereço do destino, de passarem mal pelas ruas. Com o trabalho voltado para a promoção da autonomia, o incentivo, o encorajamento e a compreensão de que o medo e ansiedade são construções sociais, os usuários passaram a acreditar em si mesmos e deram os primeiros passos na busca por autonomia e na reconstrução de suas formas de perceber o mundo ao seu redor. Cada pequena vitória era descrita com muita alegria, acompanhada do sentimento de que foram capazes de vencer o desafio e se mostravam dispostos a enfrentar outros.

Para os profissionais da Psicologia, em convívio diário com pessoas em situação-limite, acompanhar esses progressos, é gratificante. Como educadores, observar o avanço de pessoas, que estavam em situações limites e começaram a sair de uma posição de dependência, de retraimento social, e assumiram uma nova posição de abertura para espaços, antes não frequentados, significava uma oportunidade de

aprendizado e de mudança de olhar esses sujeitos, historicamente, interditados pelo olhar de estigma imposto pela sociedade.

De fato, os exercícios de independência praticados, ainda que com pouca frequência, sinalizavam avanços emocionais, educativos e sociais percebidos por profissionais do CAPS. Cada passo observado, acompanhado, narrado e ouvido transformava-se em um salto qualitativo na vida dos usuários e dos profissionais lotados naquela Unidade de Saúde. Como desdobramento, ampliava-se o nível de credibilidade recíproco, de modo que as orientações construídas na interação entre profissionais e usuários, eram percebidas como ajudas em potencial. Uma vez colocadas em prática, permitem resultados exitosos no processo de inclusão social, no resgate de uma identidade própria e de um jeito melhor para viver.

Vale salientar que nem todos se beneficiaram desses incentivos e das formas diferentes de viver o cotidiano. Alguns desistiram logo no início. Outros começaram, mas foram dominados pelo medo. Uma parte considerável adiava o início da empreitada. Muitos reconheciam a necessidade do atendimento, porém, por comodismo e pelo hábito de receber as coisas prontas, ficavam imobilizados, preferindo a dependência, a apatia social e o conforto de quase nada fazer - ou simplesmente aguardando a espera de um tutor.

Essas pessoas relatam, pela via da memória e da reminiscência, o tolhimento, desde cedo da possibilidade de cuidarem de si e de seus próprios interesses. Foram disciplinadas pelo emocional para viverem de forma dependente, superprotegidas por familiares ou responsáveis, nessa construção. Em suas falas, observamos reclamações da inércia, da dependência do membro familiar. No entanto, não se dão conta de que foi algo que construíram de forma gradativa e, diante de algumas tentativas do usuário de manifestar atitudes positivas no caminho da independência e da libertação, construíram trincheiras e barreiras, muitas vezes, intransponíveis e cristalizadas pelo tempo.

Argumentam e justificam com uma memória historicamente herdada, aquecedora do usuário para manter a dependência. São corriqueiros o uso de expressões, tais como: “não vai dar certo,” “você não sabe fazer,” “deixe que eu mesmo faço” e outras assemelhadas. Essas expressões são internalizadas pelo usuário,

tornam-se verdadeiras e passam a moldar as atitudes e comportamentos. Ao sabor do tempo tais construções mentais vão se consolidando.

Romper muros e construir histórias a partir das vozes silenciadas dos usuários do referido centro, constitui um grande desafio no mundo em que vivemos - um mundo que valoriza o que é considerado “normal” e “perfeito”, que estão prescritos socialmente. São padrões estabelecidos e incutidos na mente das pessoas, que levam à valorização daquilo que foi instituído pelo pensamento da sociedade. Esta inculcação se dá, também, pelos meios de comunicação social e mídias eletrônicas, pois, a repetição de determinados assuntos produz um discurso de verdade que inviabilizam processos emancipatórios.

Percebemos os desafios do mundo moderno, entretanto, é necessário estarmos atentos para tais manobras e manipulações sociais. Precisamos exercitar o estranhamento de não considerarmos tais dificuldades como verdades inquestionáveis, dogmáticas e cristalizadas no dia a dia. É salutar refletir sobre o significado do escamoteamento do discurso, no sentido de desvelar de qual lado ele se coloca: se como argumento libertador ou segregador, se aponta para o progresso ou para a estagnação.

Diante das argumentações tecidas até o momento, surgem várias perguntas: Por que não se demonstrou interesse de estudar, de forma mais aprofundada, sobre os usuários do Serviço de Atenção à Saúde Mental do CAPS, em Miraflores, antes da nossa chegada àquela unidade? Qual a percepção que os estudiosos das Ciências da Saúde, Educação e das Ciências Sociais têm a respeito das produções das pessoas, que sofrem de transtornos mentais? Ainda perdura a compreensão, teimosa, baseada no conhecimento cotidiano, que pouco pode acrescentar à academia? Esses questionamentos se confirmam nas pesquisas levantadas do Estado do Conhecimento, as quais evidenciam a ausência desses estudos em diversos espaços acadêmicos. No entanto, a despeito de tais posições, neste estudo com os usuários deste CAPS, percebemos um salto qualitativo pela riqueza de vivências, de saberes e de aprendizagens. A Terapeuta Ocupacional, Mariluce, reforça esse nosso posicionamento quando relata:

A troca de aprendizado com outros colegas, com os pacientes, a interação e a possibilidade de trabalhar com outros colegas em grupo também enriquece muito o atendimento, nos dando um olhar que valoriza e enriquece de forma mais global, uma forma mais holística

de olhar esse indivíduo em sofrimento psíquico que muitas vezes é também social.

Vivenciar o cotidiano do referido Centro Psicossocial, é (auto)formador na medida em que, nesses contatos revemos posturas, conceitos, atitudes, sentimentos, emoções e, também, aprendemos a ouvir as demandas e interpretá-las com outras lentes, agora, com as lentes do contexto e do vivido por aqueles experienciados.

Superar o estigma através da autoformação e da educação exige o exercício de construir um sujeito para a sua emancipação, para a autonomia e para a independência, no exercício de autor reflexividade, pensando o CAPS como um espaço para tal exercício. Precisamos ser sujeitos profissionais de possibilidades, portanto, devemos, conforme Freire (1979, p. 10), [...] “perceber as possibilidades de ação social e cultural, na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista.” É necessário conscientizar os usuários e profissionais acerca das condições desiguais que são construídas socialmente e incentivá-los à prática educativa do seu protagonismo, como meio de libertação social das condições opressoras do viver em sociedade.

Convém compreender o pensamento de Freire (1996, p.15) ao dizer que: [...] “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado, forma-se e forma o ser formado.” O papel do educador e de todo profissional é reconhecer-se como ser inacabado e, um instrumento desse inacabado é a abertura a novas aprendizagens e fazeres. Assim, poderão ser agentes de transformação.

As histórias são construídas, reconstruídas, redimensionadas e, algumas são iniciadas, mas interrompidas do ponto de vista físico, no entanto, preservam lembranças, memórias daqueles subtraídos da vida, pela via de suas marcas e saudades. Exemplos de vida são relembrados pelos usuários, nos momentos em que extraem das vivências daqueles que faleceram, histórias e memórias pertinentes ao fortalecimento e encorajamento de seus pares. Identificamos o papel das memórias e das lembranças na construção dos discursos dos usuários. Pelo exemplo deixado, a ausência física fortalece um olhar diferenciado sobre a vida. As atitudes são relembradas e tomadas como referência para a vida.

A relação com os que se foram é reconstituída a partir das lembranças, que os fazem ligados àqueles que estão presentes. Segundo Halbwachs (1990, p. 28):

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer, todavia, que a lembrança ou que uma de suas partes devesse substituir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com ele e de confundir nosso passado com o seu.

Durante séculos, as vozes das pessoas com transtornos mentais foram silenciadas, negadas ou interpretadas à luz da Psicopatologia, que tenta enquadrar todas as manifestações dentro de um contexto da doença ou do transtorno. No entanto, frequentemente, o que é dito por esses indivíduos e a realidade que vivenciam expressam-se por meio de diversas formas de linguagem - verbais e não verbais - como um esforço legítimo de serem compreendidos, aceitos e incluídos socialmente. Assinala Pollak (1989, p. 3):

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Em tempos mais recentes, essas vozes passaram a se propagar, se fazendo respeitadas e ouvidas por meio de canais com a garantia legal de redimensionamento do tratamento, com a implantação de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, com a participação nas Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais de Saúde Mental. Nesses eventos, os usuários participam com direito a voz e voto nas propostas que vão constituir a Política Nacional de Saúde Mental.

Tivemos a oportunidade de participar de Conferências de Saúde Mental Municipal, Estadual e Nacional, e pudemos observar o grau de consciência e de empoderamento, que os usuários conquistaram na defesa dos seus direitos e os posicionamentos diante de propostas que apontam para uma melhoria na atenção das pessoas que sofrem de transtornos mentais.

Nas Conferências Municipais, os usuários são escolhidos por seus pares, através do voto, como delegados cujo objetivo é defender as propostas na Conferência Estadual de Saúde Mental. Ao final da conferência, instala-se a escolha dos delegados, por seus pares, que irão participar da Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada

em Brasília. Todas as despesas são custeadas pelo Ministério da Saúde, através da Coordenação Nacional de Saúde Mental. A participação nesses eventos possibilitou a convivência, socialização e a partilha de experiência com outras pessoas que vivem na mesma condição e que disputam os mesmos espaços na busca do reconhecimento e do respeito como seres humanos.

O formato das Conferências de Saúde Mental permite que os usuários participem, relatem suas experiências e se posicionem como gostariam que fosse efetivada a Política de Saúde Mental, pois quem vivencia determinadas situações, tem mais facilidade para sugerir formas alternativas de tratamentos e/ou reforçar a manutenção do que está sendo aplicada. Todo esse movimento se dá de forma aberta e democrática com participação de profissionais de saúde mental, usuários, familiares e prestadores de serviços.

Nesse caldo cultural, pouco nos damos conta de que estamos lado a lado com pessoas que passaram grande parte de suas vidas confinadas em hospitais psiquiátricos ou isoladas em seus cubículos, nos fundos das residências de familiares, morando sozinhas ou com companheiros e/ou companheiras, num processo de autoajuda, de aprendizagem com o outro, com a divisão de tarefas, ideias, sentimentos e vivências. No exercício da cidadania, essas pessoas discutem e se apropriam de saberes que contribuirão com outras pessoas, que se beneficiem das propostas e dos planos de ação aprovados ao final das Conferências.

Pelas vivências e pelos desafios enfrentados, levam a esses eventos toda a experiência para o debate, discussão e implementação, quando é o caso, da Política Pública de Assistência aos usuários dos serviços de saúde mental. Consideramos formador como aprofundamento e formação continuada participar desses eventos, pois aprendemos com o debate, entendemos determinadas ações, que se praticavam em outros Centros de Atenção Psicossocial, cujas normas e regulações são adequadas a cada região. Assim, é possível romper com os muros da solidão, do isolamento, do confinamento social e propagar para o mundo que o transtorno mental, por si só, não deve ser uma amarra para retirar o sujeito da participação social. Tudo isso traz contribuições para melhoria de sua vida e dos seus pares.

Esses eventos também se traduzem como inclusivos, pois permitem a convivência de segmentos humanos diferenciados, o respeito pelas ideias, diferenças,

pelas formas de expressão. Dessa forma, são fortalecidas a tolerância com as dificuldades do outro em apresentar seu ponto de vista e as diferentes expressões artísticas e culturais que trazem aos eventos. Acima de tudo, aquele que participa e traz suas inquietações ou sugestões para serem avaliadas e submetidas à assembleia, se sente respeitado.

A amplitude da Conferência Nacional de Saúde Mental pode ser percebida nos dados do Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial (IV CNSM-I), ocorrida, em 2010, em Brasília, com o tema: *Saúde Mental: direito e compromisso de todos: consolidar avanços enfrentar desafios*.

Convocada por Decreto presidencial em abril de 2010, teve sua etapa nacional realizada em Brasília, entre os dias 27 de junho a 01 de julho de 2010. Houve grande participação de usuários, trabalhadores e gestores do campo da saúde e de outros setores. Ao todo, foram realizadas 359 conferências municipais e 205 regionais, contando com a participação de cerca de 1200 municípios. Estima-se que 46.000 pessoas tenham participado do processo em suas três etapas.

Enfatizamos que o espaço das Conferências legitima um grau de empoderamento dos usuários, na medida em que, enquanto protagonistas desses eventos, se autoafirmam como sujeitos de direitos, independentemente de suas condições de usuários dos serviços de saúde mental. Um exemplo de empoderamento: a Marcha dos Usuários de Saúde Mental, com as delegações de familiares, profissionais e representantes de entidades, em Brasília, em 30 de outubro de 1999, como forma de pressionar o governo para a realização da IV Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial (IV CNSM-I), em 2010.

As Conferências, principalmente a Nacional, se constituem como espaços auto formativos. Os participantes sejam eles usuários, familiares, profissionais de saúde e convidados, aprendem com as histórias de vida, vivências e experiências acumuladas nos vários contextos em que transitam e com os relatos de histórias vivas, exposições de artes e expressões da cultura. Os filmes de curta metragem protagonizados pelos usuários, as trocas de saberes através das rodas de conversa, dos relatos de experiências e das memórias apresentadas em vários espaços do evento se constituem em dimensão do processo de formar cidadãos.

Esse espaço se torna multidisciplinar, pois abrange os campos dos direitos humanos, da educação, da saúde, da justiça, do trabalho e da economia solidária, da habitação, da cultura, do lazer e do esporte. Além disso, se caracteriza como intersetorial, pois envolve os vários setores que estão interligados à saúde, por exemplo, IV Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial.

ROMPENDO MUROS, CONSTRUINDO HISTÓRIAS: MEDIAÇÃO DE SI E COM O OUTRO NA RELAÇÃO COM A EXISTÊNCIA DOS USUÁRIOS DO CAPS

Romper muros e construir história impõem várias exigências, tais como: correr riscos, se entender como ser inacabado, disposição para aprender a aprender e busca pela autonomia e independência. Freire (1979) diz que o homem ao refletir sobre si mesmo, se descobre como um ser inacabado, inconcluso, o que o leva a ser sujeito da própria educação, ativo, dinâmico e participativo. O sentimento do inacabado exige a dimensão da humildade com o outro, exige saberes da alteridade, da experiência, da aproximação, da renúncia e do respeito à incompletude do outro. Para compreender as aprendizagens como plurais, é necessário entender que o sujeito tem capacidade para [...] “comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo” (Freire, 1979, p. 29). Tal dimensão exige o respeito e a valorização dos saberes e fazeres da experiência dos sujeitos.

Enveredar pelos espaços do cotidiano profissional, na esteira de sentir esse lugar como um espaço de memórias plurais, nos levou ao exercício de romper muros, construir histórias no entendimento da força dessas histórias e memórias consideradas como possibilidades de ressignificação do olhar sobre o outro. Além disso, modificamos a nossa leitura de mundo do CAPS, deste estudo, que deixou de ser visto como espaços de “confinamento.” Além disso, a partir deste estudo, modificamos a nossa leitura acerca do universo que é o CAPS, agora, não mais visto como espaços de confinamento. Partilhamos um exercício de alteridade com as vozes silenciadas ao sabor dos tempos, pelo entendimento minimizado dos referidos espaços como lugares de interdição, de memória, de identidade, de recordações familiares e de tradição.

Os usuários do mencionado centro fazem parte de uma categoria de pessoas que carrega a marca da discriminação, do descrédito e do distanciamento social, algo construído socialmente e repassado de geração em geração, que se tornou crença

comum. Permanecem vários pensamentos distorcidos, tais como: a pessoa com transtorno mental tem comportamentos inadequados para a convivência social, é violenta e “não sabe o que diz.”

Nessa instituição, são oferecidas atividades que se contrapropõem a toda essa rede de discriminação e de retirada - da cidadania e da identidade. Dentre tais atividades, destacam-se: ações auto expressivas, incentivo à livre expressão de pensamento, de palavras e de seus gestos; manifestação de preferências, sentimentos e emoções que vão contribuir para uma reconstrução do sujeito; mergulho em si mesmo, visando romper com a discriminação que o meio social lhe impõe e; o sujeito, inadvertidamente, recebe como verdade e passa a se comportar sob tais determinações sociais.

Para uma convivência social digna é fundamental que estejamos atentos à barreira que precisamos romper, a cada dia: a barreira atitudinal, que se esconde em nossas expressões verbais e corporais. Essa barreira se expressa de forma tão sutil, que só é percebida quando se faz uma reflexão do dito, do observado e do escrito. Goffman (1981, p. 38) fala da relação sobre estigma e identidade social, controle de informação e identidade pessoal.

Que a questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde. Por exemplo, quando o paciente mental está no sanatório, e quando se encontra com membros adultos de sua família ele é tratado com tato, como se fosse sadio quando, na realidade, há dúvidas sobre isso, mesmo que não de sua parte ou, então, ele é tratado como insano quando sabe que isso não é justo. Mas para o ex-paciente mental, o problema pode ser bem diferente; ao invés de encarar o preconceito contra si mesmo, ele deve considerar a sua aceitação involuntária pelos indivíduos que têm preconceitos contra o tipo de pessoa que ele pode revelar ser.

O autor alerta que o termo estigma é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas, na realidade é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém, pode confirmar a normalidade de outrem. O autor menciona três tipos de estigmas diferentes: em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas e/ou não naturais,

crenças falsas e rígidas. Tais crenças inferidas a partir dos seguintes relatos: distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical.

Finalmente, em terceiro lugar, os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e atingir por igual todos os membros de uma família e/ou de um grupo. O estigma é um atributo que constitui uma barreira que se impõe ao usuário do CAPS, pois, ao longo da vida, é reforçado pelas atitudes de familiares, de colegas de trabalho, de pessoas da rua onde mora, e da sociedade em geral. Um relato destaca o seguinte fato: um usuário do Centro Psicossocial entrou em um estabelecimento comercial e foi identificado como uma pessoa que sofre de transtorno mental. O atendimento foi aligeirado, pois o usuário passou a ser visto como alguém que não é normal e pode manifestar comportamentos inadequados a qualquer momento.

Temos relatos de casos em que o casal vive juntos há muitos anos, se autoajudam, se conhecem, respeitam um ao outro e rebatem as discriminações, numa convivência que não se diferencia muito das pessoas “ditas normais.” Nas convivências interpessoais, os conflitos são inevitáveis, pois interesses, percepções de vida e de mundo são diferentes, porém, sempre, chegam a um entendimento com o reconhecimento de que um necessita do outro, que juntos buscam a completude e que não vale a pena guardar mágoas e tristezas recíprocas.

Esse foi o cenário que vivenciamos no CAPS, o qual nos alertava para a necessidade de revermos conceitos e acreditarmos que o outro também é capaz, dentro de suas limitações. Trata-se de um ser de possibilidades, que carrega saberes e conhecimentos. Suas memórias e lembranças são construídas socialmente, muitas vezes, independente da escola formal, adquiridas na “escola da vida”, num processo contínuo de construção de si mesmo, como afirma Freire, (2014 p. 133): “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da história.” Com seus saberes, sua coragem, seus enfrentamentos e suas curiosidades, vão rompendo os muros, traçando novos caminhos e se livrando das amarras sociais que foram incorporadas ao longo do tempo, na construção de novas

percepções e novas alternativas de construir histórias de vida recicladas de fatos antigos.

Com a mesma fratura, nasce a memória de um tempo perdido, no qual se reporta ao contato com a rua, com o vai e vem de pessoas, com a oferta de produtos e serviços nas calçadas das lojas, com a diversidade de preços e objetos no comércio. Foram relatos muito emocionantes, demonstradores da alegria, do empoderamento, do “agora eu posso”, do “eu venci o medo”, do “sou capaz de enfrentar aquilo que me limita, me aprisiona, me deixa dependente dos outros”.

Temos relatos vividos por caminhos mais simples, como os de usuário que não conseguia ir à bodega perto de sua casa e, uma vez encorajado, conseguiu obter êxito na empreitada, expressando posteriormente a satisfação de ter superado algo visto como tão difícil ou, até mesmo, impossível de se concretizar. A Terapeuta Ocupacional, Mariluce, nos traz um relato condizente com o que estamos narrando, quando afirma:

Nós conseguimos conviver com pessoas que não tinham coragem ou se sentiam incapazes de realizar uma atividade como varrer uma casa, fazer uma refeição, cozinhar. Hoje em dia eles fazem, inclusive, arte para vender, adquiriram o conhecimento, a coragem, a habilidade e hoje em dia tiram algum valor para o sustento à base do que aprenderam aqui ou aprenderam com outros colegas pacientes nas vivências fora e dentro do CAPS.

Parece fácil e banal enfrentar tais situações, mas para quem alimenta esse medo e dessa limitação, é algo imobilizador, que causa terror só em pensar na possibilidade de ir a esses lugares. Tais experiências eram guardadas para serem compartilhadas conosco no próximo encontro. A emoção nos vinha à alma quando tais experiências eram relatadas. Diziam que estavam ansiosos para chegar o dia do atendimento para nos contar os progressos e os desafios que enfrentaram. Como profissionais Psicólogos, ouvíamos seus relatos e parabenizávamos pelo sucesso, era incômodo quando listavam situações que os impediam de enfrentar e que enumerassem prioridades para o enfrentamento e purgassem situações, aparentemente, mais simples. Nossa ideia era encorajá-los com o objetivo de se sentirem fortes, construtores de suas vidas, protagonistas do seu cotidiano e que progredissem na caminhada da busca pela autonomia e independência.

Todas essas empreitadas confirmam que as atividades desenvolvidas no CAPS resgatam valores, atitudes, ações e memórias, reorganizam o pensamento e redimensionam o sentido da vida de seus usuários. Possibilitam, também, a internalização de forças construtivas, de modificação do autoconceito, rompem com a postura de dependência, do “coitadinho” e do “incapaz” para uma posição ativa, com poder de decisão de escolher o que é melhor para suas vidas e para aqueles com quem convivem. Segundo Sanches (2010, p. 114):

A busca da sabedoria no dizer de Joso pensada como busca da Felicidade, busca de Si e de Nós, busca do Conhecimento, busca de Sentido, se integram num círculo hermenêutico, numa espiral que se alarga os significados vividos numa ampliação dos horizontes, dos contextos significativos, e de si mesmo.

Nas convivências, nas relações interpessoais, nas falas e no semblante dos usuários e dos profissionais que compõem a equipe desse centro, identificamos a busca pela sabedoria, compreendida como busca do conhecimento sobre si mesmo. Tudo isso se revela nas expressões de felicidade, com sorriso largo, leveza na alma, autoestima elevada, pensamentos prospectivos. Tomamos emprestado uma expressão do cotidiano, dizemos que a felicidade é contagiante, se propaga com muita rapidez e facilidade. Esse ar de felicidade é perceptível na convivência no CAPS, com as manifestações dos seus vários atores, na construção de novas formas de pensar e de viver.

Nesse processo, o sujeito se reinventa, reflete sobre sua condição de ser humano, como nos aponta Mosquera e Stobäus (2010, p. 175): “A rigor, “ser humano” é tarefa muito difícil, pois consiste em uma inquirição constante que não termina e, muito menos, tem resposta imediata”. Realmente, assumir a condição de ser humano remete a todas as expectativas que construímos socialmente sobre o ser e sua condição de humano que luta, de forma incansável, na busca da autorrealização, Mosquera e Stobäus (2010, p. 171) nos conforma:

A autorrealização implica, ao mesmo tempo, uma preocupação de alargamento de valores, atitudes e emoções básicas, também em uma capacidade de doação [...]. Há uma valorização do outro a partir de uma autovalorização. O sentido da alegria de viver torna-se presente como uma flor que desabrocha com toda a sua vitalidade a descoberta desta alegria é fundamental e sua permanente renovação

vem demonstrar que é possível renascer cada vez, assim como o sol, desde que exista amor, verdade e respeito [...].

É próprio do humano buscar pelo prazer e se afastar de situações que causam dor, sofrimento e ameaçam sua estabilidade e seu bem-estar. A partir dessas afirmativas, diz-se que o homem é um ser hedonista. O desprazer e o desconforto surgem e despertam o homem para a essência da vida, que é viver intensamente cada fase, cada instante, se alimentando desta fonte para se renovar, se reciclar e se apropriar da própria existência. Portanto, terá felicidade e bem-estar. Parece ser essa a grande meta do homem, está sempre na busca de uma vida melhor, com mais significados, mais cores e mais emoções.

Constatamos estas viagens, nas rodas de conversa, que enfocavam nas convivências de outros tempos, nas amizades, nas relações afetivas, nos namoros e na participação em festas, nas quais se ia e voltava a pé, sem medo das violências que estão presentes nos dias atuais. Identificam que as relações interpessoais eram mais sinceras, duradouras, respeitosas e compartilhadas, quando comparadas com as relações da atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia da pesquisa (auto)biográfica é tão oportuna, que nos permitiu vislumbrar um novo horizonte de pesquisa, com um olhar apurado sobre o ser humano atuante no espaço de trabalho, que trazem suas memórias, suas lembranças e seus esquecimentos para o cenário da pesquisa, desvelando sonhos, imaginações e se reconhecendo como sujeitos ativos e empoderados, que podem contribuir com o processo de formação e autonomia dos usuários do centro psicossocial, num processo de (auto)biográfica e de reconstrução de si mesmo.

Os resultados vêm confirmar, através da atuação dos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) como esse trabalho contribuiu para a formação dos seus usuários na perspectiva da autonomia e da inclusão social, pois oportunizou a (auto)formação destes sujeitos, na perspectiva de desenvolver um novo olhar de si mesmos e sobre as pessoas que sofrem de transtornos mentais, excluídas dos espaços sociais.

Nesse entendimento, os profissionais da instituição mencionada poderão seguir um rumo como gestores do conhecimento e potencializadores do “outro” - neste caso, os usuários. Como empreendedores de si, buscarão intervir não, apenas, para o seu dia a dia, mas para o bem-estar da coletividade. Refletirão acerca da dimensão da existência humana de forma consciente e subjetiva, abrindo espaço para entender o outro como sujeito, como autor da sua história, disposto a mudar, sujeito de esperança e de liberação ao se confrontar com seus limites e possibilidades.

O levantamento feito pelo Estado do Conhecimento vem confirmar a ausência desses estudos em vários espaços acadêmicos. No entanto, a despeito de tais posições, neste estudo com os usuários deste CAPS, percebemos um salto qualitativo pela riqueza de vivências, de saberes e de aprendizagens.

A comunidade acadêmica carece de estudos e pesquisas que considerem o outro como sujeito, que tem uma história de vida e que contribuirá com a formação de docentes e discentes, com homens e mulheres adultos que sofrem de transtornos mentais, em uma perspectiva inclusiva. Ressaltamos a valorização das subjetividades, das memórias, esquecimentos e a (auto)formação que apontam para uma prática docente verdadeiramente humana.

REFERÊNCIAS

Conselho Nacional de Saúde (Brasil). **Resolução CNS nº 510, de 2016.** Dispõe sobre as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016.

DELORY-MOMBERG, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada.** Natal: EDUFRN, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** Teoria e Prática da Liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 48^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOFFMAN. Erving. **Estigma.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Edições Vértice. Editora Revista dos Tribunais. São Paulo. 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MOSQUERA, Juan José Mourão e STOBÄUS, Claus Dieter. Reflexões sobre autoconhecimento e autorrealização com enfoque na psicologia positiva. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 2, n. 3. 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024

SANCHES, Roberto. O saber da narração: Paul Ricoer e Marie-Christine Joso. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Ana Tereza Reis da. **Ecoformação**: reflexões para uma pedagogia ambiental, a partir de Rousseau, Morin e Pineau Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 18, p. 95-104, jul./dez. 2008. Editora UFPR. Disponível em: [file:///C:/Users/Aleksandra/Downloads/13428-44692-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Aleksandra/Downloads/13428-44692-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 10 maio de 2024.

Submetido em: 13/07/2024

Aceito em: 02/05/2025